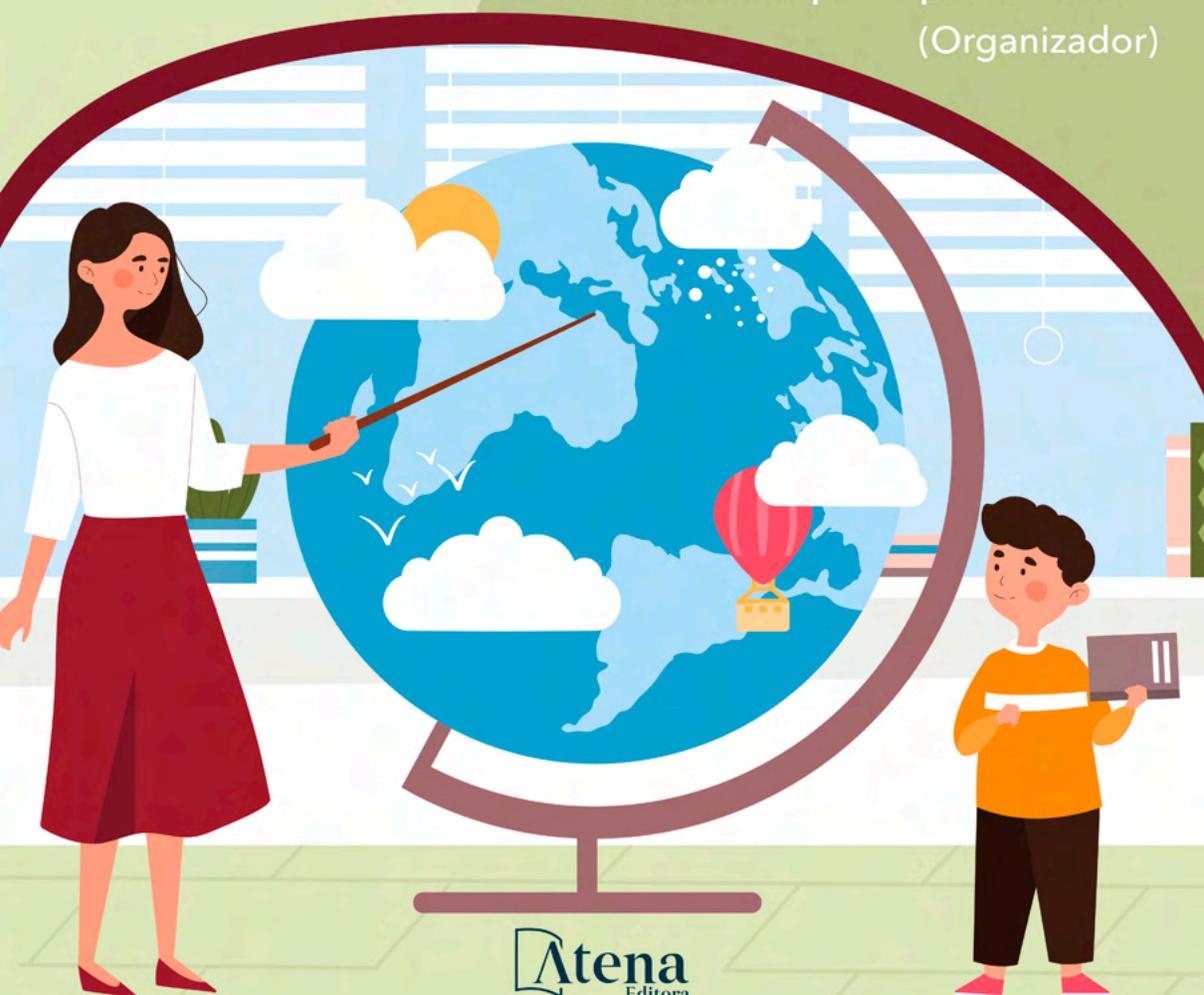


GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)



GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas 2 /
Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0278-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.787220106>

1. Geografia – Estudo e ensino. I. Ferreira, Gustavo
Henrique Cepolini (Organizador). II. Título.

CDD 910.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “**Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas - 2**” cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de dezenove capítulos de professores/as e pesquisadores/as oriundos/as de diferentes instituições brasileiras.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento da Educação Básica no país em consonância com a formação inicial e continuada de professores. Por isso, reitera-se a oportunidade em debater a Geografia e suas múltiplas dimensões teóricas e práticas.

No decorrer dos capítulos as autoras e os autores apresentam leituras inerentes ao Ensino de Geografia, Metodologias e Currículo de Geografia, Educação Ambiental, Metodologias ativas e inclusão, Geotecnologias e ensino, Desenvolvimento econômico e social, Geografia da Saúde, Comércio ilegal na fronteira, Enchentes em áreas urbanas, Urbanização do Cerrado, Geoturismo e Mineração e seus impactos. Tais temas são essenciais para construção para uma Geografia que fomente à cidadania e transformação social e territorial.

Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da ciência geográfica para derrubar barreiras e muros e construir pontes com o zelo e compromisso social com um presente-futuro para todas, todos e todes aqui e acolá.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DELGADO DE CARVALHO E THEREZINHA DE CASTRO: DA NECESSIDADE DA GEOPOLÍTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA (VERSÃO AMPLIADA)

André Luiz de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201061>

CAPÍTULO 2..... 17

O ESPAÇO VIVIDO E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DAS HABILIDADES PRESENTES NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR- BNCC DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Fábio Ferreira de Lima

Maria Ediney Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201062>

CAPÍTULO 3..... 33

A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO

Cynthia Ellen Bonifácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201063>

CAPÍTULO 4..... 39

O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES SURDOS NO ENSINO DE LIBRAS

Tales Douglas Moreira Nogueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201064>

CAPÍTULO 5..... 52

BREVES REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO

Cynthia Ellen Bonifácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201065>

CAPÍTULO 6..... 59

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM GEOTECNOLOGIAS APLICADAS NO ENSINO TÉCNICO E TECNOLÓGICO DO AMAZONAS

Marilene Alves da Silva

Letícia Alves da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201066>

CAPÍTULO 7..... 69

DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO

Fernando Ribeiro Camaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201067>

CAPÍTULO 8..... 87

A INFLUÊNCIA DA GRIPE ESPANHOLA E COVID-19 NA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO RECIFENSE

Marina Loureiro Medeiros

Jessé Santos de Souza Junior

Maria Vitória Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201068>

CAPÍTULO 9..... 96

FATORES GEOGRÁFICOS INTERVENIENTES NA OCORRÊNCIA DA GASTROENTERITE NO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA, PR

Alessandro Gonçalves

Felipe Oliveira Zahaidak

Carlos Alexandre de Paula Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201069>

CAPÍTULO 10..... 109

O COMÉRCIO ILEGAL DE CIGARROS NO SEGMENTO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI SITUADO ENTRE OS DEPARTAMENTOS DE ALTO PARANÁ E CANINDEYÚ COM O OESTE DO PARANÁ: UMA ATIVIDADE ORGANIZADA EM REDES?

Alan D. Schons

Maristela Ferrari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010610>

CAPÍTULO 11..... 126

O TRANSBORDAR DO CÓRREGO SEGREDO EM CAMPO GRANDE – MS: A PERCEPÇÃO DO PROBLEMA QUANDO SUAS ÁGUAS SE UNEM À CHUVA E CAUSAM ENCHENTES

Rejane Alves Félix

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010611>

CAPÍTULO 12..... 145

SANTO ANTÔNIO DA PLATINA (PR): UMA ANÁLISE DOS POTENCIAIS GEOTURÍSTICOS

Euzemar Florentino Junior

Gilnei Machado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010612>

CAPÍTULO 13..... 154

REBATIMENTOS SOCIOESPACIAIS DA URBANIZAÇÃO DOS CERRADOS: BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES EM FOCO

Elton Andrade dos Santos

Agripino Souza Coelho Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010613>

CAPÍTULO 14..... 167

A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA FARINHA DE MANDIOCA NO MUNICÍPIO DE IRARÁ/
BA UMA FERRAMENTA CAMPONESA - ANÁLISE E REFLEXÃO

Andreia silva de Alcantara

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010614>

CAPÍTULO 15..... 178

ESTIMATIVA DO USO DE NPK NA CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR NAS BACIAS
HIDROGRÁFICAS DOS RIOS AGUAPEÍ E PEIXE- OESTE PAULISTA

Renata Pereira Prates

Bianca Carreira

Edmiler José Silva Degrande

Paulo Cesar Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010615>

CAPÍTULO 16..... 190

UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS PARA PREVISÃO DE
DESLIZAMENTOS DE TERRA

Caio Saito Leopoldo e Silva

Oswaldo R. T. Hu

Sergio V. D. Pamboukian

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010616>

CAPÍTULO 17..... 200

CULTURA E RURALIDADE ARAGUAIA-TOCANTINA – ELEMENTOS PARA SE PENSAR
A POSSE DA TERRA

Angel Marques Amador

Ronildo Guilherme Sales

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010617>

CAPÍTULO 18..... 214

MEGAMINERAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
GEOGRÁFICAS A PARTIR DO SEMIÁRIDO MINEIRO

Bruna França Oliveira

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010618>

CAPÍTULO 19..... 234

GÉNESIS Y EVOLUCIÓN TECTÓNICA DE LA CUENCA DE SALINAS GRANDES (PUNA
SEPTENTRIONAL, ARGENTINA): INFERENCIAS A PARTIR DE LA ARQUITECTURA
SÍSMICA, GEOLOGÍA Y GEOMORFOLOGÍA

María del Carmen Visich

David Afranllie

Josefina Ramírez Visich

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010619>

SOBRE O ORGANIZADOR	248
ÍNDICE REMISSIVO.....	249

CAPÍTULO 2

O ESPAÇO VIVIDO E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DAS HABILIDADES PRESENTES NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR- BNCC DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Data de aceite: 02/05/2022

Fábio Ferreira de Lima

Graduando em Geografia- Licenciatura plena na Universidade Estadual de Alagoas

Maria Ediney Ferreira da Silva

Professora Adjunta da Universidade Estadual de Alagoas. Área de atuação: Metodologias do Ensino de Geografia

RESUMO: O ensino da Geografia está atrelado ao desenvolvimento da capacidade de ver a realidade a partir de sua espacialidade, isto é, a prática da cidadania exige que se tenha consciência espacial. De forma que a Geografia não se encontra apenas em um campo teórico, mas se faz presente na vida cotidiana dos homens, experimentadas por meio de uma perspectiva interacional. Neste sentido, o artigo aqui apresentado, tem como objetivo compreender o ensino de Geografia em diálogo com a Educação Ambiental, a partir do espaço vivido, o lugar de vivência, atentando para o uso de metodologias participativas. Buscamos refletir sobre o papel do ensino de Geografia na escola, em especial no ensino fundamental I e II, a partir das competências e habilidades dispostas na Base Nacional Comum Curricular- BNCC em interfaces com a discussão ambiental. O embasamento teórico está centrado no conceito de metodologias participativas, compreendidas enquanto ferramentas para apreensão e reconhecimento do ambiente local, com foco no trabalho colaborativo, que busca aprofundar

problemáticas encontradas no contexto em que o aluno está inserido, ao tempo em que desperta princípios de cooperação, estimulando o aprendizado em conjunto.

ABSTRACT: The teaching of Geography is linked to the development of the ability to see reality from its spatiality, that is, the practice of citizenship requires having spatial awareness. So that Geography is not only in a theoretical field, but is present in the daily life of men, experienced through an interactional perspective. In this sense, the article presented here aims to understand the teaching of Geography in dialogue with Environmental Education, from the lived space, the place of living, paying attention to the use of participatory methodologies. We seek to reflect on the role of teaching Geography at school, especially in elementary school I and II, based on the skills and abilities provided in the National Common Curriculum Base - BNCC in interfaces with the environmental discussion. The theoretical basis is centered on the concept of participatory methodologies, understood as tools for apprehending and recognizing the local environment, with a focus on collaborative work, which seeks to deepen problems encountered in the context in which the student is inserted, while awakening principles of cooperation. , encouraging joint learning.

1 | INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, a sociedade tem passado por diversas mudanças, exigindo assim formas de organização e adequações

que atenda suas reais demandas. Neste sentido a Geografia tem se posicionado frente à missão de não só compreender o espaço, mas também de oferecer respostas plausíveis para a sua área de ensino. O lugar é a base referencial do homem e sua leitura pela vertente da Geografia humanística tem valorizado e nos revelado as diferentes maneiras de espacialização individual e coletiva do homem na Terra (TUAN, 2012; 1975).

Nesta perspectiva o trabalho aqui apresentado, tem como objetivo compreender o ensino de Geografia em diálogo com a Educação Ambiental, a partir do espaço vivido, o lugar de vivência, atentando para o uso de metodologias participativas. Buscamos refletir sobre o papel do ensino de Geografia na escola, em especial no ensino fundamental I e II, a partir das competências e habilidades dispostas na Base Nacional Comum Curricular-BNCC em interfaces com a discussão ambiental.

Algumas questões embasam este objetivo, dentre estas: a Educação Ambiental está presente nas competências e habilidades dispostas na BNCC para a Geografia? Estando presente, como conteúdos voltados à discussão do meio ambiente surgem na BNCC para Geografia? Quais são e de que forma são abordados? Quais possibilidades de abordagem de temas relacionados à Educação Ambiental para o trabalho com o cotidiano, considerando os conteúdos dispostos na BNCC para Geografia?

Frente a estas interrogações, é preciso atentar para o que significa aprender a partir do que se vivencia, pois ao imergir na realidade do lugar onde habita, a Educação Ambiental surge como ferramenta para construção de uma consciência ambiental, capaz de auxiliar na coadunação de pensamentos e posturas para ações que se realizem de forma colaborativa novas leituras sobre a realidade que nos cerca e a urgência em eleger o meio ambiente como prioridade. Segundo Callai (2005) a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania. Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço vivido, o qual desvela todas as ações humanas. Ler o mundo se mostra além da leitura cartográfica, da realidade, sendo construída cotidianamente, o que significa compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade. Isto requer considerar que o ensino de Geografia conduza o aluno a se perceber como indivíduo atuante e participante do espaço que vive, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (CALLAI, 1999, p. 58).

Desta forma, podemos alçar uma aprendizagem que busque superar a leitura ingênua do mundo, mas que possibilite a compreensão através de uma visão de indivíduos concretos e históricos, assumindo o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo (KAERCHER, 1999, p. 56). A concepção sobre a produção social do espaço do filósofo francês Henri Lefebvre (1901-1991), quando destaca o homem como sujeito da sua história, questiona a vida cotidiana da sociedade moderna a partir de sua expressão mais manifesta: o espaço vivido. Compreendido como a porção do espaço pela qual o homem experimenta os elementos espaciais, através das relações experimentadas a partir da

concretude do espaço geográfico, manifesto nas interações que o compõem. É este mesmo espaço, juntamente com o tempo, que transforma a pluralidade/multiplicidade; fato que possui como resultado formas-conteúdos que dispostas no espaço mostram-se de forma a causalidade só tem sentido sob a compreensão da relação espaço-tempo. O espaço vivido se revela como o alicerce onde o sujeito adquire a concepção do que se encontra ao seu redor, construindo assim, uma visão de mundo a partir do que está próximo. Assim, a aprendizagem que toma como base esta realidade, parte da proximidade ou mesmo da familiaridade com a realidade posta. O sujeito, imerso nesta porção do mundo, percebe e vivencia não apenas a Geografia fazendo sentido, mas outros conhecimentos como os imbricados na Educação Ambiental, na medida em que estuda as ações do homem frente a natureza, suas alterações, intervenções, recuos e avanços na modificação do espaço geográfico.

A aprendizagem, compreendida neste contexto, assume um desafio pois, enquanto professores, assumimos o compromisso de possibilitar que a Geografia se mostre interessante, que dialogue com a realidade, conduzindo alunos e professores a compreender o espaço construído pela sociedade. Isto significa produzir um conhecimento que tenha interesse e utilidade para os alunos, portanto, possa facilitar na compreensão do espaço em que vivem para, dessa forma, atuar como agentes de transformação da realidade na qual estão inseridos.

2 | METODOLOGIA PARTICIPATIVA- DEFINIÇÃO E CONTRIBUIÇÕES PARA PESQUISA NA ESCOLA

O ato de pesquisar, dedicar horas, meses para entender um objeto científico, requer tomadas de decisões ligadas de forma direta e contundente com o percurso a ser tomado para o entendimento da problemática que envolve este objeto. Esta trama de questionamentos, que levantam hipóteses, substancia compreensões, dialoga diretamente com o método assumido. No entanto, abordar o campo teórico e metodológico no qual se inscreve uma pesquisa é um trabalho marcado por escolhas e descartes, o que por sua vez demonstra a posição tomada frente às opções teóricas encontradas no campo de estudo.

Dessa forma, é preciso ter em mente que construir um objeto científico é, antes de qualquer coisa, romper com o senso comum, ou seja, romper com representações partilhadas por todos, quer se trate de simples lugares-comuns da existência vulgar, quer se trate de representações oficiais. Esse rompimento é realizado a partir do contato com as bases teóricas que embasam uma investigação científica. Neste momento, promove-se uma transposição do senso comum à consciência crítica filosófica, a qual é potencializada pela atividade de pesquisa, em que através da aplicação de um método torna-se possível aprofundar o significado das ações e relações humanas (BOURDIEU, 2001).

Segundo Cornely (1991) método não se limita ao encadeamento lógico do

procedimento, caso a compreensão seja esta, corremos o risco em limitar o entendimento a um “receituário” que garanta resultados na pesquisa. Segundo o autor, existem três pilares fundamentais no discurso metodológico: a sequência dos procedimentos, a teoria do objeto e a concepção e validade enquanto base filosófica e epistemológica, fator que influenciará diretamente na seleção e técnicas adotadas ao longo da investigação. Entretanto, por não ser neutro, tão pouco ter um valor absoluto, o método não garante o sucesso de um empreendimento. Desta forma, é cauteloso traçar os procedimentos metodológicos de investigação, mas com real atenção aos limites, possibilidades e alcances que uma forma de apreender a realidade pode nos conceder.

Esta consideração, amplia seus horizontes, quando tomamos como lugar de discussão a escola. Ambiente marcado por peculiaridades, que ao estabelecerem relação, podem conduzir mudanças de percepções, (re)construções de pontos de vista, além de leituras diversas do ambiente que nos cerca. Esta multiplicidade exige um olhar atento e preciso de quem busca investigá-la. Reconhecer que suas bases de compreensão estão em constante diálogo com a realidade e que esta não é estanque, tão pouco imutável, traz a necessidade de renovação, ampliação do olhar do pesquisador, por meio da busca constante de interação e imersão no universo escolar. Porém, estas ações quando dialogadas e construídas em conjunto, auxiliam na aproximação dos sujeitos, tornando a participação dos envolvidos em um elo que, possivelmente auxiliará nas tomadas decisões que visem melhorias e avanços no fazer pedagógico cotidiano.

Frente a estas considerações, compreende-se que o conceito de metodologia participativa possibilita compreender a escola de forma ampla, trazendo para o centro da discussão o coletivo, o que é construído em muitas mãos. Assim, a referência sobre o método que empregaremos revela-se fundamental, pois ao optar por um determinado caminho, já pressupomos uma concepção, uma determinada maneira de compreender a realidade, seja esta política e/ou teórica, de analisar seu movimento e sua transformação. Ao considerar esta apreensão a partir do coletivo, podemos substanciar vozes na busca de um trabalho colaborativo, no caso, no interior da escola.

Desta forma, considera-se metodologia participativa como a forma pela qual o pesquisador assume o papel de construtor de possibilidades para participação coletiva, porém seu entendimento segue além da pesquisa, já que o processo educacional possui, como uma de suas características, a participação de professores e alunos no processo de aprendizagem.

De acordo com Kalinowski (2013), O trabalho docente requer competência pedagógica na mobilização e articulação de diferentes saberes que visem a motivação, assim como a articulação de alunos e professores para assumir responsabilidade ou corresponsabilidade no processo de aprendizagem. Neste sentido, as metodologias participativas favorecem a explanação do conhecimento, em um contexto peculiar que favorece a valorização de experiências já vivenciadas, onde alunos e demais envolvidos buscam juntos soluções

para situações experienciadas.

Desta forma, entende-se que, nas metodologias participativas, o docente assume o papel de construtor de possibilidades para o ensinar e o aprender através de situações reais, embasadas em práticas educativas ligadas diretamente ao exercício da cidadania e a construção de sujeito conscientes de suas ações frente aos dilemas socioambientais que nos afetam. Se partimos da compreensão de que, os sujeitos ambientalmente comprometidos e responsáveis, se apropriam de forma crítica e reflexiva sobre suas atitudes, seja esta individual ou coletiva, poderemos por meio do incentivo possibilitar que o trabalho coletivo colabore para que este posicionamento reverbere entre tantos outros sujeitos. A educação ambiental ganha na coletividade força e resistência no coletivo.

Diante desta apreensão, constatamos que a educação ambiental estabelece relações fundamentais entre cidadania e o meio ambiente, considerando que, ao longo do processo histórico, a humanidade se relaciona com o ambiente de formas diferentes e conjunturas distintas, a partir de diferentes facetas políticas. Entretanto, a participação política no campo educativo exige uma postura crítica e reflexiva sobre o ambiente que nos circunda, suas dimensões reais, sejam estas vulneráveis ou potencializadoras. Aqui o cotidiano se faz essencial, pois materializa o que as teorias buscam materializar, transpõe a barreira do incompreensível, pois o dia a dia é construtor de formas únicas de experiências humanas que partem do real, do concreto. Fator que aproxima teoria e prática.

Assim, as práticas voltadas à educação, em especial ao ensino de Geografia, propiciaram aos alunos diferentes apreensões sobre o espaço geográfico. As percepções construídas ao longo desse processo potencializam diferentes habilidades, na medida em que o contato com a realidade fomenta a reflexão, aprimorando a aprendizagem. Atividades desse tipo não são comuns no ambiente escolar, o que reverbera em um maior interesse dos alunos. Entretanto, vale destacar que processo pedagógico norteador destas práticas, deve ser contínuo, sendo capaz de ganhar maior consistência e aprimoramento a partir de uma abordagem da realidade amplificada. Ou seja, a medida em que, os problemas encontrados despertam nos alunos uma reflexão mais aprofundada.

A capacidade de aprender e discutir sobre cada problema, assim como buscar possíveis soluções para minimizá-los ou mitigá-los estende-se a toda sociedade, porém a escola, como instituição que atua diretamente no espaço social, possui um lugar de fala primordial no ato de problematizar os dilemas que a sociedade enfrenta, pois além de possuir o papel de fornecer preparação intelectual dos alunos, ocorre por meio dela a inserção social. Isso se dá pelo fato desta instituição ser um importante meio social frequentado pelos indivíduos, depois do âmbito familiar.

Diante do exposto, o presente artigo tomou como aporte teórico e metodológico instrumentos que auxiliam na compreensão de uma aprendizagem que possui o aluno como protagonista, através de um trabalho colaborativo realizado frente a realidade local. Neste sentido, a educação participativa abre possibilidades para aprofundar problemáticas

encontradas no contexto em que o aluno está inserido. Compreende-se como educação participativa, aquela que parte de uma aprendizagem onde o aluno parte a análise e reflexão da interação indivíduo-sociedade, assumindo questões que versam sobre: como em meio à vida cotidiana, os sujeitos sociais se aprimoram da vida pública e a transformam? De que forma os dilemas encontrados no cotidiano podem fomentar diferentes formas de ensino e aprendizagem em diálogo com à escola?

Santos (2005) coloca que as metodologias participativas estão muito próximas da compreensão do que seja a pesquisa-ação. Para Thiollent (1986, p.14) um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Assim, tem como base a pesquisa empírica, pois a pesquisa-ação leva em consideração a descrição de situações concretas por meio de observações e ações em meios sociais, sem, contudo, desprezar a pesquisa teórica, sem a qual não teria sentido. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com conferência dos dados obtidos e observados sempre um caráter descritivo e rico em significados, considerando contexto/ambiente natural em que se desenvolve a investigação. Entretanto, como Tripp (2005) para ser qualificada como uma pesquisa-ação, há que se ter uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo (pesquisadores, equipe e respondentes), ação esta que seja para investigar problemas considerados relevantes no escopo social e que, portanto, requeira uma investigação mais elaborada.

Segundo Freire (2011, p. 87) o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade e nesse cenário acredita-se que um dos desafios para a prática de ensino em Geografia é fazer com que o aluno conceba os diferentes objetos do conhecimento. Esta apreensão ganha amplitude, quando a Geografia estabelece um diálogo com outros campos de saber, quando dialogam propiciam a interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade segundo Carvalho (1998 p. 21), “é uma maneira de organizar e produzir conhecimento, buscando integrar as diferentes dimensões dos fenômenos estudados”. Para isso, os professores devem ser capacitados para se tornarem “sujeitos ecológicos”, capazes de direcionar adequadamente o trabalho com a EA, e propor atividades e discussões que envolvam toda a comunidade escolar de forma agradável e interessante. Isto, apenas em um campo teórico, mas em uma dimensão prática que mobiliza o coletivo, lançando luz sobre a vida cotidiana. O lugar permite assim, a compreensão dos espaços de vivências e os movimentos para reprodução social.

Diante desta compreensão, a Educação Ambiental surge como um dos campos de conhecimento que em diálogo com a Geografia possibilita apreender o cotidiano, a partir de ações que priorizem o trabalho colaborativo. Entretanto, como afirma Guimarães (2006) a Educação Ambiental ainda é pouco explorada na escola, apesar da possibilidade de favorecer a formação de uma consciência ecológica. A Educação Ambiental é trabalhada

de forma isolada, quando não superficial.

Leff (2009) declara que o saber ambiental pode ser considerado como um plano de reconstrução do conhecimento, com novas adequações da condição humana e do mundo nas mais diferentes instâncias. Através da educação, o conhecimento ambiental nutre e valoriza o poder transformador de mudanças de posturas e ações por meio da educação. Permitir a reflexão sobre a importância da educação ambiental, seus desafios e possibilidades de alcance, pode definitivamente, contribuir para a formação de sujeitos conscientes e críticos, preocupados com a realidade socioambiental, capazes de assumir com responsabilidade ações que direcionem à mudanças no mundo de hoje.

O trabalho em conjunto, revela-se como um instrumento útil no incentivo dos sujeitos a deixar que a educação ambiental faça parte do dia a dia, reverberando no coletivo, w assim, possa ganhar força na condução de uma sociedade sustentável. Neste sentido, as metodologias participativas desvelam os caminhos a seguir nesta condução, sendo de extrema importância a forma pela qual orientam proposições de pesquisa que possuem como eixo central a Educação Ambiental.

3 | METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS E O ESPAÇO VIVIDO NA BNCC NO DIÁLOGO ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O COMPONENTE GEOGRAFIA

A Base Nacional Comum Curricular- BNCC, configura uma política pública de Estado que reúne um conjunto de atores individuais e coletivos, públicos e privados, sendo prevista na Constituição Federal de 1988, em três das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, onde encontramos o excerto que destaca a necessidade de uma base nacional comum a ser complementada, em cada sistema de ensino, cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos” (BRASIL, 1996). Une-se a esta, a Lei 13.005/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE 2014- 2024), este possui como eixo central reforçar as relações de poder que envolvem a BNCC, quando aponta na meta nº7 estratégia 7.1 [...] estabelecer e implantar mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitados a diversidade regional, estadual e local [...] (BRASIL, 2014, Meta nº 7, Estratégia 7.1).

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio – DCNEM (BRASIL, 2012), além da Lei nº 11.684 de 02 de junho de 2008 (BRASIL, 2008), que altera o artigo 36 da LDB nº 9.384/1996, entende-se como disciplinas que compõem as Ciências Humanas, a História, a Geografia, a Filosofia e a Sociologia. Partindo do pressuposto de que a produção do conhecimento é uma obra humana, realizada ao longo do tempo e espaço diversos,

onde cada uma destas disciplinas foi paulatinamente sendo construída e instituída por meio de particularidades, amparados por estatutos epistemológicos únicos. Todavia, para além das análises destas prerrogativas, interessa-nos deter atenção sobre como questões voltadas ao diálogo da Educação Ambiental e a Geografia surgem e são abordadas ao longo dos conhecimentos dispostos para as ciências humanas, apreendendo como se diluem ao longo dos anos do Ensino Fundamental na Educação Básica.

Apesar de não apresenta de forma direta a relação com Educação Ambiental, a BNCC declara que estudar Geografia constitui em uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. É preciso atentar que para representar e interpretar o mundo é necessário assegurar a apropriação de conceitos para o domínio do conhecimento fatural, considerando a permanente transformação da sociedade e da natureza. Este fato, nos leva a constatar que o meio ambiente está presente na apreensão do que se deseja, propõe e designa que seja relevante para o ensino de Geografia.

A tabela a seguir destaca as habilidades que, possivelmente podem favorecer o diálogo entre a Geografia e a Educação Ambiental.

RELAÇÃO DAS HABILIDADES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II RELACIONADAS À EDUCAÇÃO AMBIENTAL		
ANO/SEGMENTO	CÓDIGO	HABILIDADE
1 ANO / ENS FUND I	EF01GE04	Discutir e elaborar, coletivamente, regras de convívio em diferentes espaços (sala de aula, escola, etc.)
	EF01GE05	Observar e descrever ritmos naturais (dia e noite, variação de temperatura e umidade etc.) em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando a sua realidade com outras.
	EF01GE10	Descrever características de seus lugares de vivência relacionadas aos ritmos da natureza (chuva, vento, calor etc.)
	EF01GE11	Associar mudanças de vestuário e hábitos alimentares em sua comunidade ao longo do ano, decorrentes da variação de temperatura e umidade no ambiente
2 ANO / ENS FUND I	EF02GE03	Comparar diferentes meios de transportes e de comunicação, indicando seu papel na conexão entre lugares, e discutir os riscos para a vida e para o ambiente e seu uso responsável.
	EF02GE04	Reconhecer semelhanças e diferenças nos hábitos, nas relações com a natureza e no modo de viver de pessoas em diferentes lugares.
	EF02GE05	Analisar mudanças e permanências, comparando imagens de um mesmo lugar em diferentes tempos.
	EF02GE06	Relacionar o dia e noite a diferentes tipos de atividades sociais (horário escolar, comercial, sono etc.)
	EF02GE07	Descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais

	EF02GE11	Reconhecer a importância do solo e da água para a vida, identificando seus diferentes usos (plantação e extração de materiais, entre outras possibilidades) e os impactos desses usos no cotidiano da cidade e do campo.
3 ANO/ ENS FUND I	EF03GE03	Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.
	EF03GE04	Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares.
	EF03GE05	Identificar alimentos, minerais e outros produtos cultivados e extraídos da natureza, comparando as atividades de trabalho em diferentes lugares.
	EF03GE08	Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reúso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno.
	EF03GE09	Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas (alimentação, higiene, cultivo de plantas etc.), e discutir os problemas ambientais provocados por esses usos.
	EF03GE10	Identificar os cuidados necessários para utilização da água na agricultura e na geração de energia de modo a garantir a manutenção do provimento de água potável
	EF03GE11	Comparar impactos das atividades econômicas urbanas e rurais sobre o ambiente físico natural, assim como os riscos provenientes do uso de ferramentas e máquinas.
4 ANO/ ENS FUND I	EF04GE04	Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas
	EF04GE07	Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.
	EF04GE08	Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias primas), circulação e consumo de diferentes produtos.
	EF04GE09	Utilizar as direções cardeais na localização de componentes físicos e humanos nas paisagens rurais e urbanas.
	EF04GE11	Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.
5 ANO/ ENS FUND I	EF05GE03	Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.
	EF05GE04	Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.
	EF05GE05	Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.

	EF05GE07	Identificar os diferentes tipos de energia utilizados na produção industrial, agrícola e extrativa e no cotidiano das populações
	EF05GE08	Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.
	EF05GE10	Reconhecer e comparar atributos da qualidade ambiental e algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, efluentes industriais, marés negras etc.).
	EF05GE11	Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.
	EF05GE12	Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive
6 ANO/ ENS FUND II	EF06GE03	Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos.
	EF06GE04	Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.
	EF06GE05	Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais
	EF06GE06	Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.
	EF06GE07	Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
	EF06GE10	Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares.
	EF06GE11	Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.
	EF06GE12	Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.
	EF06GE13	Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).

7 ANO/ ENS FUND II	EF07GE03	Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.
	EF07GE06	Discutir em que medida a produção, a circulação e o consumo de mercadorias provocam impactos ambientais, assim como influem na distribuição de riquezas, em diferentes lugares.
	EF07GE11	Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade (Florestas Tropicais, Cerrados, Caatingas, Campos Sulinos e Matas de Araucária).
8 ANO/ ENS FUND II	EF08GE01	Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.
	EF08GE13	Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.
	EF08GE15	Analisar a importância dos principais recursos hídricos da América Latina (Aquífero Guarani, Bacias do rio da Prata, do Amazonas e do Orinoco, sistemas de nuvens na Amazônia e nos Andes, entre outros) e discutir os desafios relacionados à gestão e comercialização da água
	EF08GE17	Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.
	EF08GE18	Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América
	EF08GE20	Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.
	EF08GE21	Analisar o papel ambiental e territorial da Antártica no contexto geopolítico, sua relevância para os países da América do Sul e seu valor como área destinada à pesquisa e à compreensão do ambiente global
	EF08GE22	Identificar os principais recursos naturais dos países da América Latina, analisando seu uso para a produção de matéria-prima e energia e sua relevância para a cooperação entre os países do Mercosul.
	EF08GE23	Identificar paisagens da América Latina e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia e da climatologia.

	EF08GE24	Analisar as principais características produtivas dos países latino-americanos (como exploração mineral na Venezuela; agricultura de alta especialização e exploração mineira no Chile; circuito da carne nos pampas argentinos e no Brasil; circuito da cana-de-açúcar em Cuba; polígono industrial do sudeste brasileiro e plantações de soja no centro-oeste; maquiladoras mexicanas, entre outros).
9 ANO/ ENS FUND II	EF09GE04	Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais
	EF09GE09	Analisar características de países e grupos de países europeus, asiáticos e da Oceania em seus aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir suas desigualdades sociais e econômicas e pressões sobre seus ambientes físico-naturais.
	EF09GE12	Relacionar o processo de urbanização às transformações da produção agropecuária, à expansão do desemprego estrutural e ao papel crescente do capital financeiro em diferentes países, com destaque para o Brasil.
	EF09GE13	Analisar a importância da produção agropecuária na sociedade urbano-industrial ante o problema da desigualdade mundial de acesso aos recursos alimentares e à matéria-prima.
	EF09GE17	Explicar as características físico-naturais e a forma de ocupação e usos da terra em diferentes regiões da Europa, da Ásia e da Oceania.
	EF09GE18	Identificar e analisar as cadeias industriais e de inovação e as consequências dos usos de recursos naturais e das diferentes fontes de energia (tais como termoelétrica, hidrelétrica, eólica e nuclear) em diferentes países.

Desde os anos iniciais, quando se propõe *“observar e descrever ritmos naturais (dia e noite, variação de temperatura e umidade etc.) em diferentes escalas espaciais e temporais”*, passando por habilidades como: *“descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais,”* habilidade do 2º ano do Ensino Fundamental I. Ou *“identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas”*- habilidade do 4º ano. Chegando aos anos finais com habilidades como: *“identificar e analisar as cadeias industriais e de inovação e as consequências dos usos de recursos naturais e das diferentes fontes de energia (tais como termoelétrica, hidrelétrica, eólica e nuclear) em diferentes países.”* É possível identificar como as habilidades abrem caminho para o diálogo interdisciplinar entre Educação Ambiental e a Geografia.

Se considerarmos a importância destinada às experiências e vivências individuais e familiares, desenvolvidas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, permeadas por proposições que trazem como ferramenta o lúdico, ações de escuta e a troca de experiências, estas habilidades surgem como possibilidade para explicar, a partir de metodologias que valorizem o coletivo e sua participação ativa, sejam estes na escola, na rua onde o aluno

reside, em espaços de convivência, as relações de interatividade discursiva e operacional para educação ambiental.

Ferramentas como o trabalho de campo, entrevistas, a observação, além do desenvolvimento de análises e argumentações, são instrumentos presentes na BNCC que também podem consubstanciar esta interação. Já nas etapas iniciais, os alunos se deparam com atividades embasadas na investigação, fato que potencializa descobertas, estimula o pensamento crítico, além de despertar a criatividade. A pesquisa sobre diferentes fontes documentais e o registro das experiências trazem o cotidiano como base para discussão, o que facilita na abordagem das peculiaridades locais. O professor que atua em áreas urbanas ou em comunidades quilombolas, camponesas dentre outras, encontra nesta forma de trabalho a possibilidade de aproximar os dilemas enfrentados no local onde o aluno se insere. Esses procedimentos são fundamentais para que compreendam a si mesmos e àqueles que estão em seu entorno, suas histórias de vida e as diferenças dos grupos sociais com os quais se relacionam.

Em termos conceituais, os componentes de História e Geografia buscam atribuir sentidos às dinâmicas das relações entre pessoas e grupos sociais, assim como entre o homem e a natureza, nas atividades de trabalho, lazer, servindo de fonte no estabelecimento de interfaces com a Educação Ambiental. Desta forma, ambos os componentes propiciam uma reflexão sobre o fazer humano frente ao tempo, aos seus semelhantes e a natureza que o cerca.

Diante desta perspectiva, o espaço vivido assume um caráter primordial para que o aluno consiga estabelecer relações com o que está próximo de sua realidade, sem deixar de retomar nas ações pretéritas as razões que possibilitaram sua comunidade, seu lugar a existir de forma peculiar no mundo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição da Educação Ambiental, na construção de uma consciência ambiental é incontestável, porém os discursos que buscam relativizar esta relevância são constantes na trajetória dos que se dedicam a esta área do conhecimento. Talvez algumas perguntas centrais, ao finalizar estas argumentações seriam: por qual motivo é preciso valorizar questões sobre meio Ambiente? A justificativa estaria pelo fato deste conhecimento nos aproximar do que verdadeiramente da realidade que nos dá sinais constantes de que, seu esgotamento se aproxima? E por meio desta aproximação, determinadas visões de mundo, calcadas na lógica desigual de sobrevivência de um sistema como o capitalismo, estariam ameaçadas?

Sem a pretensão em buscar respostas prontas, mas com a intenção clara em assumir o debate, sabemos, desde tempos pretéritos, que o conhecimento sempre foi considerado uma arma na reversão de status quo. Todavia, não estamos falando de

qualquer conhecimento, o saber que tratamos aqui é o que desperta dúvida, o que instiga a refletir, a (re)pensar, a revisitar posturas e situações possivelmente desafiadoras na relação desenvolvimento e natureza. Estamos aqui tratando, da defesa ou da necessidade de reconhecer a eficiência de um campo de saberes, no despertar de mentes para não mais seguir o ritmo da exploração desenfreada, do consumo exacerbado, do desgaste ambiental. Acreditar que o ato de pensar de forma reflexiva emancipa, engradece o espírito, ao tempo que estabelece estratégias de combate, sejam estas discursivas ou no campo das ações.

Neste contexto, a Educação Ambiental deverá estar vinculada a uma educação crítica e a uma abordagem interdisciplinar, preferencialmente baseada em projetos e ações coletivas, dos primeiros até anos finais da vida escolar. Assim conseguiremos de fato construir cidadãos para a criação de uma sociedade sustentável, capaz de traçar estratégias que contribuam para a erradicação dos problemas ou para a sua mitigação, isto por meio de uma educação que nutre ideias inovadoras e emancipatórias frente aos problemas ambientais enfrentados pela humanidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). Plano Nacional de Educação 2014-2024: Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86p. (Série legislação n.125).
- BRASIL. 2015b. BNCC, 1ª versão. Brasília, DF, Ministério da Educação, 302 p.
- BRASIL. 2016. BNCC, 2ª versão. Brasília, DF, Ministério da Educação, 676 p.
- BRASIL. 2017a. BNCC, 3ª versão. Brasília, DF, Ministério da Educação, 396 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1140, de 22 de novembro de 2013. Diário Oficial da União. Seção 1, nº 238, Brasília, DF, 9 dez. 2013, p. 24-25. Disponível em: . Acesso em: 25 jun. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Formação de Professores do Ensino Médio, Etapa II – Caderno II: Ciências Humanas. Curitiba: UFPR, 2014. Disponível em: . Acesso em: 25 jun. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTI. L. de S. A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- CAVALCANTI. L. de S. A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. CORCINI,
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para liberdade e outros escritos. 14 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.

FONSECA, J.; MOURA, FONSECA, S. A aprendizagem invertida em educação a distância. 2015. In: CIAED — Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, 21, 2015, Bento Gonçalves, RS. Anais... p. 1–10.

GOMES, P. C. da C. Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, É.M.F. A importância do planejamento para o sucesso escolar. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica. Porto Nacional.

CARVALHO, Isabel C. Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental – Brasília: IPÊ Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

GUIMARÃES, M. Educação ambiental: no consenso um embate. Campinas: Papirus, 2000.

_____; VASCONCELLOS, M. Relações entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. Educar em Revista, Curitiba, n. 27, p. 140-159. 2006.

KAERCHER, Nestor, André. Desafios e utopias no ensino de Geografia. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1999.

JACOBI, P. R. (Org.). Aprendizagem social e áreas de proteção ambiental. São Paulo: Annablume, 2015.

JACOBI, P. R.; GRANJA, S. I. B.; FRANCO, M. I. Aprendizagem social: práticas educativas e participação da sociedade civil como estratégias de aprimoramento para gestão compartilhada em bacias hidrográficas. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-18, abr./jun. 2006.

JIGGINS, J.; RÖLING, N.; van SLOBBE, E. Social learning in situations of competing claims on water use. In: WALS, A. E. J. (Ed.). Social learning: towards a sustainable world. Wageningen: Wageningen Academic Publishers, 2007. p. 419-434

KALINOWSKI, C. E.; MASSOQUETTI, R. M. D.; PERES, A. M.; et al. Metodologias participativas no ensino da administração em enfermagem. Interface, v. 17, n. 47; p. 959-967, out/dez. 2013.

KUMMER, Lydia; DIZ, Vera Lúcia C. de Almeida; SOARES, Rodrigo Maurício Freire. Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar.: conceitos, ferramentas e vivências. Salvador: EBDA, 2007. 155 p.

LEFF, Henrique. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. Educação & Realidade, 17-24. Set/dez. 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/9515/6720> Acesso em: 23/02/ 2021.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. Ed. Cortez, 2000.

SANTOS, Ailton Dias dos (org.). Metodologias participativas: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos. São Paulo: Petrópolis, 2005. 180p.

SIMÕES, O. Questionamentos apresentados. In.: Simpósio Latino Americano de Investigação e Extensão em Sistemas Agropecuários, 5., Santa Catarina, 2002.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

THIOLLENT, M. Pesquisa-ação nas organizações. São Paulo: Atlas, 1998. _____. Metodologia da pesquisa-ação. 18a. ed. São Paulo: Cortez, 2011. Organizações em contexto, São Bernardo do Campo, ISSN 1982-8756 • Vol. 15, n. 30, jul.-dez. 2019 343 Modos de uso de pesquisa-ação em dissertações e teses em administração no Brasil

TRIPP, D. Action research: a methodological introduction. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação antrópica 36, 126, 130

Apropriação 24, 26, 27, 120, 178, 183, 186, 187, 188, 189, 205, 215, 218, 219, 220, 233

B

Baixada Fluminense 69

Barreiras 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 203

Biogeografia 28, 96

BNCC 4, 9, 13, 14, 15, 17, 18, 23, 24, 29, 30, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 54, 55, 56, 58

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 42, 43, 44, 50, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 83, 86, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 128, 144, 146, 147, 148, 153, 156, 159, 166, 168, 169, 170, 176, 177, 189, 190, 199, 200, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 215, 219, 222, 226, 229, 231, 232, 233, 248

C

Campesinato 167, 169, 170, 171, 174, 175, 210, 212, 213, 216

Canindeyú 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

Categoria geográfica 33, 35

Cerrados 27, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 165, 166

Cigarro 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120

Covid-19 65, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95

Currículo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

D

Departamentos Alto Paraná 109, 110, 113, 114

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 7, 8, 13, 14, 17, 18, 23, 26, 27, 29, 30, 34, 39, 40, 43, 44, 46, 47, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 66, 68, 69, 70, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 92, 98, 100, 103, 107, 125, 146, 147, 148, 153, 154, 158, 167, 168, 170, 171, 175, 177, 182, 185, 188, 189, 203, 204, 205, 206, 208, 211, 214, 215, 222, 224, 225, 229, 231, 232, 233

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 68, 71, 75, 79, 82, 84, 85, 98, 103, 152, 158, 191, 199, 212, 248

Educação ambiental 17, 18, 19, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 68, 82, 152

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 191, 248

Ensino de geografia 1, 2, 17, 35, 68, 248

Ensino técnico 59, 61, 62, 63, 64, 65, 67

Epidemiologia 96, 99, 107

F

Fertilizantes 160, 178, 179, 180, 187, 188, 189

Formação de professores 12, 13, 30, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 59, 61, 64, 67

Fronteira Brasil-Paraguai 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 123

G

Geoconservação 145, 146, 147, 150, 153

Geopolítica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 124

Geoprocessamento 68, 190

Geotecnologias 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 190, 191

Geoturismo 145, 146, 147, 148, 150, 153

Gripe espanhola 87, 88, 90, 91, 93, 95

I

Impactos 13, 15, 25, 27, 28, 49, 52, 53, 57, 85, 87, 88, 90, 106, 127, 143, 164, 165, 179, 182, 188, 192, 201, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 223, 225, 230, 231, 232

Indicação geográfica 167, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 177

L

Libras 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50

Lugar 4, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 29, 33, 35, 36, 37, 38, 43, 56, 70, 71, 75, 76, 79, 80, 81, 98, 113, 127, 174, 203, 204, 205, 236, 239, 240, 244

Luís Eduardo Magalhães 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

M

Megamineração 214, 232

Meio ambiente 18, 21, 24, 26, 32, 37, 38, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 67, 103, 107, 126, 131, 144, 179, 182, 188, 191, 199, 203, 215, 225, 229, 230, 232

Metodologias ativas 39, 40, 47, 48, 49, 50, 51

Município 35, 54, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 116, 126, 128, 129, 131, 133, 134, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150,

151, 152, 153, 160, 161, 162, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 175, 203, 207, 212, 214, 220, 226

N

Norte de Minas 214, 220, 222, 228, 229, 231, 232

O

Oeste do Paraná 109, 110, 111, 113, 115

P

Paisagem 14, 33, 35, 36, 37, 55, 56, 65, 132, 141, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 164, 220

Paraná 98, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 124, 128, 145, 148, 149, 153, 159, 173, 174, 180

Pensamento geográfico 33, 34, 38

Pluviosidade 126, 131, 136

Prevenção de desastres naturais 190

R

Recife 87, 88, 89, 91, 93, 95

Recursos hídricos 26, 27, 134, 178, 180, 188, 189

Redes ilegais 109, 113, 116, 120, 122

Reestruturação produtiva 154, 155, 156, 157, 160, 165, 177

Resistência camponesa 167

S

Saneamento ambiental 96, 106

T

TDIC'S 45

Tecnológico 13, 26, 27, 46, 53, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 237

Território 4, 5, 7, 9, 12, 14, 15, 27, 36, 52, 53, 56, 69, 77, 82, 86, 102, 112, 118, 124, 125, 128, 129, 146, 157, 158, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 183, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 213, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 229, 230, 231, 232, 233, 248

Transformação espacial 87, 89

U

Urbanização 28, 90, 98, 103, 127, 130, 141, 148, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 165, 166

GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 **Atena**
Editora
Ano 2022

GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

